

**ENTRE A HISTÓRIA E O DISCURSO: UMA ANÁLISE DA CRÔNICA
ISLANDESA ÍSLENDINGABÓK**

**BETWEEN HISTORY AND DISCOURSE: AN ANALYSIS OF THE ICELANDIC
CHRONICLE ÍSLENDINGABÓK**

Lucas Pinto Soares¹

Resumo: Entre os anos de 1122 e 1135, Ari Þorgilsson, o Sábio, cronista e homem vinculado à Igreja, escreveu a *Íslendingabók* (O Livro dos Islandeses), uma crônica que apresenta de forma concisa a história da Islândia desde a chegada dos primeiros colonizadores, por volta do ano 874, passando pelo evento oficial de conversão ao Cristianismo, até os primeiros bispos islandeses, em 1118. O texto, por suas características de registro, como a busca por confiabilidade das fontes, a proximidade temporal com os acontecimentos relatados e citação de nomes de indivíduos e suas conexões familiares, sempre foi considerado uma fonte singular para o estudo da história islandesa. Dessa forma, o presente trabalho propõe levantar questões acerca do estudo das narrativas medievais islandesas e suas abordagens metodológicas, considerando a tradição oral e a análise de discurso como ferramentas fundamentais para explorar as minúcias do texto. Partimos do princípio de que nenhuma narrativa é neutra, tanto o que é dito quanto o que é omitido carregam manifestações simbólicas e interesses próprios do contexto em que foi produzido. Assim, ao investigarmos um povo e a formação de sua identidade por meio de narrativas, torna-se pertinente reconhecê-las como práticas simbólicas de seu tempo.

Palavras-chave: Ari Þorgilsson, *Íslendingabók*, Análise de discurso

Abstract: Between the years 1122 and 1135, Ari Þorgilsson the Wise, a chronicler and a man connected to the Church, wrote the *Íslendingabók* (The Book of the Icelanders), a chronicle that concisely presents the history of Iceland from the arrival of the first settlers around the year 874, through the official conversion to Christianity, up to the appointment of the first Icelandic bishops in 1118. Due to its documentary characteristics—such as the pursuit of reliable sources, temporal proximity to the events described, and the naming of individuals and their family connections—the text has long been considered a unique source for the study of Icelandic history. Thus, this work aims to raise questions about the study of medieval Icelandic narratives and their methodological approaches, considering oral tradition and discourse analysis as fundamental tools to explore the text's subtleties. We start from the premise that no narrative is neutral; both what is said and what is omitted carry symbolic expressions and interests inherent to the context in which they were produced. Therefore, when investigating

¹ Doutorando em História Política, com foco na linha de pesquisa política e cultura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: lucas.soares.historia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-2159-9553>

a people and the formation of their identity through narratives, it becomes pertinent to recognize such texts as symbolic practices of their time.

Keywords: Ari Porgilsson, *Íslendingabók*, Discourse analysis

Introdução

Íslendingabók é uma das mais relevantes fontes históricas para a pesquisa e estudos sobre a Islândia do período medieval². Ari Porgilsson, o Sábio, é considerado o pai da história dos islandeses (Miranda; Racy, 2012), e sua obra constitui em um dos primeiros textos sobreviventes produzidos no vernáculo islandês, representando um ponto significativo não apenas na literatura, mas também na historiografia escandinava³. O autor segue um estilo de narrativa que dá importância à ordem dos acontecimentos (Vésteinsson, 2000), com relatos sobre pessoas que estavam na ilha antes dos primeiros vindos da Noruega⁴, que iriam se assentar⁵, no século IX d.C, até o ápice da crônica, seu sétimo capítulo, sobre a chegada do Cristianismo e o processo de cristianização, nos séculos X-XI d.C, contada sob viés cristão e dotado de discursos simbólicos, nos possibilitando realizar uma análise aprofundada para compreender aspectos das transformações e interesses nas narrativas nos âmbitos culturais, sociais e políticos.

É relevante para este trabalho observar o contexto e características da *Íslendingabók*, compreendida enquanto obra vinculada tanto à tradição escrita quanto à oralidade. A análise cuidadosa do discurso nesse texto exige atenção às narrativas e estratégias adotadas por Ari Porgilsson, especialmente no que diz respeito ao modo como se constrói a memória coletiva

² Em resumo, a Islândia medieval teve um período de desenvolvimento conhecido como Estado Livre, que foi marcada por um período de estabilidade política, social e econômica. Começando no século X, com o término da era de colonização e a fundação de um parlamento, essa fase prolongou-se até o século XII. Nesse intervalo, é importante observar que a Islândia operou como uma comunidade unificada que abrangia toda a ilha, em uma espécie de grande vilarejo.

³ A obra possui como fontes relatos orais e seu corpo textual é escrito originalmente em islandês antigo, buscando o direcionamento de seu conteúdo para as pessoas que viviam na ilha.

⁴ Nesse período o rei Haraldr, o de cabelos belos, unificou o reinado na Noruega e, segundo relatos em fontes islandesas, teria se tornado responsável pela emigração de pessoas à Islândia, inclusive nobres que tinham perdido prestígios no governo de Haraldr Hárfagri. (Moosburger, 2021, p. 86)

⁵ Mencionados na crônica como irlandeses cristãos que foram embora por não quererem estar ao lado de pagãos.

dos que habitavam a ilha, seleção dos eventos e à autoridade de suas fontes. Nesse sentido, é necessário refletir sobre a natureza da crônica enquanto gênero textual, dotada de elementos que visam legitimidade histórica e registros orais.

A proposta metodológica que será apresentada está inserida no debate sobre a Análise de Discurso formulada por Eni Orlandi⁶, e os estudos sobre a tradição oral nas fontes islandesas. Buscaremos, assim, nos aprofundar na compreensão da *Íslendingabók* como documento histórico e investigar o modo como o discurso se constitui em meio a práticas orais e escritas em um contexto de transição e formação cultural de uma identidade cristã islandesa. Esse caminho, além de permitir que tracemos possibilidades interpretativas da crônica, também amplia o entendimento sobre a relação entre as histórias e a linguagem nas escrituras islandesas.

Um olhar sobre o campo metodológico

As histórias dos textos medievais islandeses eram inicialmente passadas, em suma, a partir da oralidade e estavam ligadas diretamente com o sentimento de pertencimento e conservação dos acontecimentos e pessoas. Langer (2010) expõe que as sagas tinham em comum com textos como *Iliada* e *Canção de Rolando*, entre outras epopeias por possuírem em seu gênero narrativas constituídas de fundo histórico e formação de identidade cultural.

Essas fontes escritas receberam alguns métodos e, ao longo dos séculos, formas de serem investigadas, principalmente influenciados pelos contextos históricos em que eram observadas. No século XVIII, inserida no Oitocentos, houve uma forma mais tradicional de examinar a Escandinávia da Era Viking, chamada de “perspectiva generalista” (Langer, 2010, p. 151). Os adeptos dessa linha de pensamento acreditavam em uma união cultural escandinava da Era Viking, as sagas foram valorizadas em um contexto nacionalista do período, servindo a um romantismo de passado dotado de heróis. Lönnroth (2003) menciona uma interpretação política da história na ótica da arte e da literatura. Nesse aspecto metodológico houve uma valorização da autoria individual, os textos eram vistos como

⁶ Eni Puccinelli Orlandi é uma das principais representantes da Análise de Discurso de linha francesa no Brasil. Inspirada nas formulações de Michel Pêcheux, sua abordagem busca compreender o modo como os sentidos se produzem nas relações entre língua, história e ideologia. Para Orlandi, o discurso não reflete simplesmente a realidade, mas a constrói por meio das condições de produção e das formações discursivas que determinam o que pode ou não ser dito em determinado contexto.

produtos. Essa ideia originou o que foi chamado de “texto fechado”, ou seja, obra literária fixa, sem reinterpretações ou dependentes de uma compreensão da variação oral.

Em resposta a essas noções interpretativas, Boulhosa (2005) e Gísli Sigurðsson (2004) vão de encontro a novas perspectivas de análise, essas que enfatizam essas variações, os textos são encarados como abertos, complexos e com possibilidades de investigações que os consideram como obras escritas originadas a partir de relatos orais. O caráter heterogêneo das fontes, sob esse olhar, nos possibilita refletir o período em que são produzidas – momento posterior – e sobre seus relatos – ligados a transmissão e memória de um período anterior.

Após esse panorama, podemos fazer o movimento de retorno a considerações teóricas relevantes a esses cenários, o que Gísli Sigurðsson chama de “dois tipos de teoria”. Em um momento em que não havia crítica e interpretações de fontes e a filologia ainda não estava no horizonte acadêmico, os textos islandeses eram lidos como relatos reais da sociedade. Árni Magnússon foi o primeiro, no século XVII que fez um trabalho de conservação e pesquisa de manuscritos. Inicialmente os estudiosos compartilhavam que a tradição oral dos textos era confiável e os escritores haviam apenas registrado em pergaminhos, logo, os textos mais antigos eram mais próximos da realidade. Problemas sobre como a oralidade teria sido interpretada e escrita nem foram considerados (Sigurðsson, 2004, p.23).

Somente nos séculos XIX e XX, com o avanço da filologia e estudos da literatura o campo da pesquisa dos textos medievais islandeses ganharia novos parâmetros (Malm, 1996). Surgem duas abordagens que iriam suportar dois tipos de atribuições dadas pelos pesquisadores, como iriam se debruçar a respeito de elementos das fontes, como a oralidade e influência dos autores. Essas abordagens teóricas eram chamadas de *freiprosa* (freeprose) e *buchprosa* (bookprose), traduzidas para o português pelo professor Langer respectivamente como “prosa livre” e “prosa livro” (Langer, 2010, p.155). Na prosa livro a pesquisa era inserida em questões de busca por autores específicos, a influência da cultura latina e relações literárias, com pouco olhar sobre a tradição oral, o texto era, como mencionado anteriormente, compreendido como fechado, essa corrente era defendida pelo teórico Sigurd Nordal e pela chamada “Escola islandesa” do século XX. Os seguidores da prosa livre tendiam a ir de encontro a historicidade das sagas, explicando acontecimentos e momentos específicos recorrendo a tradição oral, elas eram transmitidas oralmente pelas pessoas até serem escritas, sendo por um tempo a abordagem dominante. Com o tempo muitos pesquisadores

consideraram especulativo trabalhar com o contexto oral tendo em vista que as histórias foram escritas séculos após serem contadas oralmente (Sigurðsson, 2004, p. 24).

Gísli (2004) argumenta, como citado anteriormente, que as interpretações dos textos islandeses nem sempre estiveram atrelados a argumentos acadêmicos, os defensores da prosa livre foram, principalmente, suecos e noruegueses com interesses e ambições territoriais, argumentando que os poemas, mitos, heróis e reis foram relatados pelos islandeses, mas pertenciam a uma literatura germânica, nórdica ou norueguesa (Sigurðsson, 2007, p. 286). O relato oral havia sido preservado antes da Islândia ser colonizada e eles não fizeram nada além de memorizar as histórias nas noites do Atlântico Norte. Essas afirmações tratam de elementos ideológicos presentes em discursos a respeito dessas produções e seus métodos de análise, dotadas aparentemente de técnicas acadêmicas de pesquisa.

Com análise de estruturas e estilística, juntamente com base teórica e crítica, problematizando os textos com perguntas pertinentes a temáticas relacionadas às novas tendências metodológicas, é importante que consideremos as bases orais, a cultura de relatar os acontecimentos oralmente, mesmo com a passagem para o registro escrito e influência cristã, precisa ser analisada no contexto da investigação da fonte. A cultura oral continuou presente nos textos e foi afetada por eles, os primeiros relatos, crônicas e leis tiveram como fundação a oralidade e foram preservadas pela tradição escrita⁷ (Langer, 2010, p. 156). Os autores islandeses dos textos não foram passivos no processo, mas fizeram parte de uma tradição oral que vivia concomitantemente com a escrita, um período de transição que não podemos negligenciar nenhum elemento de ambas as concepções.

As produções escritas desse período surgem com componentes híbridos formados pela memória, oralidade e escrita, possibilitando serem analisadas como discursos culturais ao invés de relatos factuais, expandindo o leque de investigação e perguntas sobre as narrativas. A busca pela verdade, tão almejada em momentos anteriores, dá lugar a compreensão de valores sociais e culturais, disputas de memória e estruturas simbólicas (Sawyer; 2006, p. 24 apud Langer, 2010, p. 152). Portanto, questões como “quem escreve?”, “para quem?”, “por

⁷ Assim, a oralidade pode ser entendida como um sistema orgânico, que mesmo no momento de transição cultural para a cristã letrada, se mantém ativa entre os islandeses.

que?” e “em qual contexto?”, tomam o espaço de métodos que priorizavam a verdade que legitimava interesses singulares.

A nova Escandinavística (Langer, 2010, p.152), como nova perspectiva para os métodos, surge em estudos de aproximadamente 50 anos, considerando complexidades e horizontes que antes não estavam à vista, que os leitores dos registros não observavam ou deixavam de lado, como contradições, possibilidade de análise utilizando outros campos de estudos, a função social e cultural dos textos na construção de identidade e legitimação de poder, a pluralidade na origem e nos discursos e as características dos tipos de disputas presentes nos relatos. Nesse quadro, pretendemos nesse trabalho contribuir para o campo metodológico da pesquisa dessas fontes, expandindo ainda mais as concepções de análise e possibilidades que os textos medievais islandeses podem nos oferecer de conhecimento sobre os famosos vikings e configurações sociais, culturais e políticas da Islândia.

Análise de Discurso: perspectivas para a interpretação das narrativas islandesas

Para observarmos as narrativas medievais islandesas como um discurso histórico e simbólico, faz-se necessário explicitar a abordagem metodológica aqui adotada, articulando-a com as reflexões sobre a textualidade desse período, mobilizando uma base teórica que permita compreender a crônica como uma construção de sentidos e de pertencimento, mais do que como mero registro de acontecimentos. Neste tópico debruçaremos a respeito de pontos essenciais para o entendimento do método da Análise de Discurso, sob a luz de conceitos e observações expostos pela letróloga Eni Orlandi, que no fim dos anos 70, baseada em formulações feitas por Michel Pêcheux⁸, foi a pioneira na área da Análise de Discurso no Brasil. Buscaremos aqui discutir sobre as bases do método e inseri-lo nas investigações das produções escritas islandesas dos séculos XII-XIV, sobretudo, voltados para a área de interesse aqui apresentada⁹.

⁸ Filósofo francês que viveu entre os anos 1938 e 1983, é considerado um dos fundadores da Análise de Discurso, com fundamentos de que a história não foge do sujeito, esses que são construídos pela história e a constrói, esse pensamento está ligado a materialidade histórica, que influencia no pensamento de que as palavras recebem sentidos diferentes dependendo do contexto (Costa; Naedzold, 2020, p.2)

⁹ A proposta da aplicação do método da Análise de Discurso neste artigo busca oferecer um instrumental de leitura que permita compreender as formas simbólicas de construção da memória e representações dos discursos no contexto medieval islandês, sem transpor categorias modernas.

Em sua obra intitulada *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, a autora elabora um trabalho de introdução, abordando alguns conceitos que auxiliam na aplicação do método nos textos, tornando-se uma referência para os estudos do discurso (Alós, 2012, p. 389). O *discurso* é definido como “palavras em movimento”, uma prática ligada a linguagem (Orlandi, 2009). Nessa interpretação conceitual do termo, a Análise do Discurso não estaria preocupada no sentido do texto, mas na sua dinâmica e discurso na produção de sentido, compreendendo os modos inscritos em suas condições históricas. Na crônica *Íslendingabók* os relatos não são reduzidos a uma narrativa da conversão de crenças, mas há uma prática dotada de discurso que produz um significado sobre o contexto da crônica e a formação de uma identidade islandesa cristã. Quando analisado por esta perspectiva, o texto de Ari deixa de ser um mero espelho da realidade para se tornar um espaço que expressa o cruzamento de interesses, memória e poder, observações possíveis como desdobramento da análise discursiva.

A língua não é pensada como sistema formal e o sujeito não é a fonte dos sentidos, segundo Orlandi, os sentidos são produzidos antes do sujeito, a Análise de Discurso trabalha isso fazendo uma reflexão a respeito de como a linguagem está inserida na ideologia e como está se manifesta (Orlandi, 2009, p.16). A ideologia, aqui, é introduzida no plano do discurso do marxismo, psicanálise e linguística¹⁰, a Análise de Discurso, assim, parte do princípio de que os sentidos não estão no mundo das ideias, mas só são possíveis quando se materializam na linguagem.

Essas três premissas são essenciais para o entendimento da análise discursiva, em que a história e a realidade são afetadas pelo simbólico, o sujeito da linguagem é guiado pela ideologia e pelo inconsciente e a língua tem uma ordem própria. Essas premissas possibilitam que a autora trace o objetivo da Análise do Discurso, que consiste em concernir como um objeto simbólico fabrica sentido e como ele detém “significância” pelos sujeitos e para eles. Esse objetivo mostra como as análises são particulares, onde cada uma pode mobilizar conceitos próprios.

¹⁰ A autora afirma que a Análise de Discurso é herdeira dessas “três regiões do conhecimento”, mas que não é de maneira “servil”, ainda, expõe que a noção de discurso não está reduzida ao objeto da Linguística, nem é absorvida pela Teoria Marxista e nem se encaixa no que teoriza a Psicanálise (Orlandi, 2009, p. 20)

Algumas noções surgem no segundo capítulo do livro como basilares para o método de análise aqui proposta, os de *dispositivo teórico* e *dispositivo analítico*, enquanto o primeiro faz parte de um conjunto de conceitos da própria Análise de Discurso e precisa estar em qualquer pesquisa desse sentido, o segundo é a operação desses conceitos em um trabalho específico, já com um recorte temático e do objeto. Vale mencionar que o dispositivo teórico proposto é o da Análise de Discurso de linha francesa, seguida por Eni Orlandi, tendo como pressupostos um sujeito discursivo, sentido e memória discursiva, o dispositivo analítico é o olhar dado a crônica como um discurso formador, para entender o processo de formação de uma identidade cristã na Islândia analisando omissões na narrativa, legitimação de poder e marcas da oralidade.

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (Orlandi, 2009, p.16)

Orlandi explora a noção de *condições de produção* a partir de um sentido estrito e amplo, no estrito ela expressa a respeito de um contexto imediato; quem está escrevendo? Para quem? Quando? Em que situação? No sentido amplo estão os contextos cultural e ideológico, como valores, crenças, disputas de poder, tradições etc. (Costa; Naedzold, 2020, p.3). Ainda, essas condições acabam por dar conta também de um imaginário criado pelas instituições, em cima de algo “já-dito”, ou seja, uma memória (Amós, 2012, p. 391).

Na noção de *memória do dizer* Orlandi introduz o *interdiscurso*, uma estrutura externa formadora do discurso, correspondente aos sentidos que têm origem em outro lugar, dizendo assim que nenhum discurso surge do nada, logo, tudo que é dito é atravessado por algo já-dito, pela memória que circula historicamente. Há, nesse sentido, segundo a autora, uma necessidade da utilização de paráfrase – variação de algo na repetição de algo dito, mantendo os sentidos –, que seria condição anterior a polissemia – deslocamento e novas interpretações possíveis – sendo o sentido sempre um deslocamento do já-dito. Ari Þorgilsson não cria os sentidos, nem os inventa, mas os reelabora através da interpretação de memórias orais, tradições antigas e textos eclesiásticos.

O entendimento da noção de *formações imaginárias*, lugar relevante presente no livro de Orlandi, possui considerável importância para este trabalho, em que a autora define o que são *lugar* e *posição* dos sujeitos. O *lugar* implica com a ocupação dos *sujeitos empíricos* em uma sociedade hierarquizada, ou seja, influenciando o que ele pode dizer e como, enquanto *posição* são as *projeções* discursivas feitas pelos sujeitos “quando dizem”, antecipando como o discurso será recebido por outros, assim, um autor quando está escrevendo, pode projetar seu texto em prol de convencer sobre como uma decisão foi tomada e por quem, legitimando indivíduos e ações através da antecipação do imaginário de quem o vai ler (Orlandi, 2009, p. 41).

O sentido na Análise de Discurso surge dessa relação de efeito entre interlocutores, com um discurso que foi produzido por condições da língua e história, projeções de sentidos dos sujeitos ou imaginários e pela formação social. Nesse âmbito, a noção de *formação discursiva*, central para a Análise de Discurso, aborda os limites do que pode ser dito, e como pode ser dito em um período histórico, considerando uma posição ideológica (Orlandi, 2009, p. 43), ou seja, uma pessoa ligada a igreja cristã do século XII não poderia valorizar outras práticas que não a cristã. Os sentidos aqui são dados pelo atravessamento ideológico que faz um recorte no campo do interdiscurso, selecionando os legítimos para o contexto, e como ela faz esse recorte, acaba construindo memória repetindo alguns sentidos, enquanto silencia outros. Como vimos, o discurso em *Íslendingabók* dá ênfase nas decisões das leis no *Alþing* favorecendo uma paz coletiva e torna irrelevante relatos ligados a conflitos de crenças.

A concepção conceitual de “ideologia” em Eni Orlandi ganha um caminho de definição discursiva, assim, no discurso ela “produz evidências”, o homem é posto na relação imaginária junto a “condições materiais de existência” e dessa forma se naturaliza no discurso, onde as palavras somente significam e os sujeitos partem de uma posição neutra, fazendo soar natural o que foi construído, em outras palavras, uma naturalidade é uma evidência da própria ideologia, gerando uma ilusão de que está reproduzindo a realidade, mas na verdade é uma construção. A ideologia está presente mesmo não se mostrando, o acordo narrado na crônica aqui analisada aparece como necessário, mas uma ideia cristã molda o caráter do relato. Apagando a própria formação discursiva – a delimitação do que pode ser dito – e o interdiscurso – memórias de outros discursos – os sentidos ficam claros, mas a ideologia não se transforma em ocultação, ela faz parte do funcionamento para que a linguagem se relacione com a sua volta (Orlandi, 2009, p. 47).

Com a intenção de concluirmos essa análise metodológica, que tem por fim ampliar as possibilidades de análise das fontes islandesas medievais, igualmente a autora pontua, não estamos preocupados em utilizar de todo o conteúdo de um discurso, nem dar conta de todos os temas que existem nele, pois os textos não são depósitos de informações, mas produções de sentidos. O objetivo é investigar como esses sentidos são produzidos a fim de compreender um processo cultural ligado ao sentimento de pertencimento e de identidade. Esse processo inclui observarmos escolhas do que é contado, silenciamentos, regularidades temáticas e a posição de Ari relacionado ao seu dizer. Como vimos, Orlandi não limita o discurso ao vocabulário, pois este é definido como “palavras em movimento” e está atrelado a prática social. Encaramos a relação da linguagem com os autores e leitores de textos medievais como encharcadas de identificações e tomadas de pontos de vista, essa articulação é fundamental.

***Íslendingabók*: narrativa em disputa**

A visão de que a *Íslendingabók* era uma obra factual e seu conteúdo deveria ser lido e entendido como uma narrativa que contava sobre o passado de forma literal prosperou durante os séculos XIX e XX¹¹. Do ponto de vista político e cultural, principalmente quando as sagas começam a serem produzidas e há um movimento de confirmação de um povo emergente em oposição à coroa norueguesa medieval¹², é compreensível que a crônica tenha surgido e sido admirada pelo seu caráter de confirmação da formação estrutural que surgiu na ilha. Evidentemente isso implicou, também, no contexto do século XX por satisfazer os que buscavam por nacionalismo, assim sendo encarada como fonte histórica fiável até mesmo no âmbito acadêmico sobre a história antiga da Islândia¹³ (Ceolin, 2022, p. 37).

Entretanto, mais recentemente, pesquisadores vêm adotando novas perspectivas para análise dessas fontes escritas, compreendendo suas histórias como passivas de problematizações e questionamentos a respeito de sua natureza e contextos. A partir de correntes historiográficas da década de 1970, é iniciada, do ponto de vista histórico, discussões

¹¹ Devido a luta pela independência da Dinamarca no século XX, a necessidade de autoafirmação nacional fez com que florescesse assuntos ligados aos nativos e suas histórias, mesmo que sem críticas.

¹² Período considerado por alguns como “Era de ouro” da sociedade islandesa.

¹³ Podemos citar como exemplo o trabalho de Jón Jóhannesson sobre a história antiga da Islândia de 1956 (*Íslendinga saga*) e o prólogo feito por Jakob Benediktsson em 1968 para *Íslenzk fornrit*, enfatizando a obra como fonte histórica confiável.

sobre precisão inquestionável das fontes, assim como levantamento de outras temáticas a respeito delas. A antropologia social teve influência nesse debate, alterando a direção de uma abordagem que considerava as escrituras medievais islandesas como indícios históricos verdadeiros, para o cenário em que podemos investigar as narrativas como práticas do passado ou preceitos culturais.

A partir desse momento, esses textos deixaram de ser fontes históricas dotadas de veracidade e fatos, para se tornarem fontes etnográficas que independem de uma batalha entre verdade e ficção (Langer, 2010, p. 152), essa mudança de perspectiva corrobora com a proposta metodológica que entende as narrativas para além da neutralidade, mas produções ligadas a *formações ideológicas* singulares. Surgem estudiosos da literatura argumentando que a subjetividade não pode mais ser deixada de lado na análise de textos medievais islandeses, pois o caráter narrativo precisa ser levado em consideração nessas discussões (Ceolin, 2022, p. 38).

É a partir dessa nova perspectiva de análise que propomos construir o percurso metodológico deste artigo, partindo do princípio de que os textos medievais estão inseridos em contextos políticos, culturais e sociais específicos, sendo, portanto, produções arbitrárias e tendenciosas. Independentemente do recorte temático ou das perguntas que formulamos a essas narrativas, é possível reconhecer, ainda que de forma sutil, elementos reveladores sobre a cultura, a sociedade, as disputas políticas e os sujeitos envolvidos em sua produção. A *Íslendingabók* será aqui o objeto central da análise, pois tanto seu autor quanto sua estrutura narrativa oferecem possibilidades de contrapor abordagens acríicas anteriores e investigarmos como conflitos políticos e sociais moldaram uma representação histórica significativa do período.

Sob o objetivo de propor uma análise de discurso da *Íslendingabók*, daremos importância a dois elementos primordiais presentes na crônica: o contexto em que seu autor, Ari Þorgilsson estava, e o principal motivo da produção do texto, o relato sobre como o cristianismo entrou na ilha.

Ari Þorgilsson: autoria e fontes

Ari fróði (O Sábio), como é chamado, é conhecido como o primeiro a escrever a história da Islândia na língua falada por eles, o nórdico antigo¹⁴, além de ter produzido a história mais antiga da ilha, que serviria como fonte para narrativas posteriores. Snorri Sturluson, poeta, historiador, homem de lei e um dos homens mais influentes de seu período, autor da *Heimskringla*¹⁵, escreve sobre a importância de Ari, o descrevendo como primeiro a escrever sobre as tradições antigas e recentes, *forvitri* (muito bem-informado) e *námgjarn ok minnigr* (possuidor de uma excelente memória). Mesmo que Snorri possuísse interesse próprio em elogiar Ari para validar seu próprio trabalho, é perceptível a influência do autor da *Íslendingabók* em sua comunidade (Grønlie, 2006, p. ix). Ainda, autores contemporâneos reconhecem sua relevância, descrevendo como *byrjandi* (pioneiro) na historiografia islandesa e acontecimentos relatados.

Ao mesmo tempo em que o cronista foi criticado por autores dos séculos XIX e XX como Eva Hagnell, Einar Arnórsson e Gabriel Turville-Petre pelo tamanho pequeno de sua obra, conteúdo escasso, imprecisão e ter selecionado de forma arbitrária seu material, podemos adotar uma perspectiva analítica mais crítica e voltada para a obra dessas observações. A extrema seletividade do que narrar pode ser encarada como sua preocupação em manter a precisão e o caráter factual dos relatos, o interesse em narrar apenas eventos importantes como forma do texto não apresentar características fantasiosas, entretanto, em análises mais voltadas para a compreensão do discurso, podemos observar seu interesse em tradições de algumas famílias importantes, possivelmente expressando pontos de partidas particulares, dotados de símbolos e ideologia a respeito dos acontecimentos. Dessa maneira, perceber as redes familiares e as pessoas citadas no texto, que de certa forma envolvem o próprio autor, pode ser essencial no entendimento do seu trabalho (Ceolin, 2022, p. 39).

O que podemos conceber sobre a vida de Ari está inserido na análise e estudo de seu próprio texto, sabemos que ele era descendente de famílias importantes e foi educado por pessoas influentes da região sudeste da Islândia. Em seu relato, ele aponta que aos sete anos

¹⁴ Era a língua que as pessoas que viviam na região da Escandinávia medieval falavam, principalmente entre os séculos IX e XIII. Esse idioma veio do germânico nórdico e suas alterações ao longo do tempo fizeram surgir-la. No século XIII essa língua deu origem ao islandês antigo, que pouco se alterou até os dias atuais.

¹⁵ Coleção de sagas do século XIII sobre reis noruegueses.

foi viver em Haukadalr com um homem chamado Hallr Þórarinnsson, conhecido por todos por possuir boas qualidades e ser generoso, segundo a própria crônica ele ficou lá até os vinte e um anos. Hallr também criou Teitr Ísleifsson, filho do primeiro bispo da Islândia, Ísleifr Gizurarson, que era décadas mais velho que Ari e dirigia uma escola em que o cronista estudou, sendo chamado por ele de *fóstri* (tutor) e “homem mais sábio que conheci” no primeiro capítulo da *Íslendingabók*. Também no início da crônica Ari menciona Sæmundr e os bispos Ketill e Þorlákr como seus conselheiros e orientadores.

Pertencente a uma elite intelectual e política de sua época, o cronista pôde recorrer a fontes orais e escritas para compor a narrativa, que reflete duas preocupações, historiográficas e identitárias. Um dos aspectos mais notáveis do texto é a importância dada a genealogia, evidenciando o papel central das famílias na consolidação da sociedade islandesa e na legitimação das relações de poder (Byock, 2001). Essa relevância genealógica, longe de ser meramente ornamental, parece cumprir o papel de manter e construir uma memória coletiva e de afirmar a continuidade histórica de uma comunidade islandesa. Ademais, a obra também possibilita apontar implicações de pressões internas e externas, especialmente da monarquia norueguesa, na formação das estruturas políticas locais (Coroban, 2017).

Pensando no conteúdo da crônica, podemos considerar que reflete em certa escala os interesses das fontes de Ari Þorgilsson, tendo em vista que esses, citados pelo próprio autor, avaliaram sua obra. Não parece irrelevante observarmos tal perspectiva ao depararmos com a estrutura do texto e seu sétimo capítulo, que faz referência ao *Alþing*¹⁶ do ano 1000 (Oliveira, 2017, p.35), colocando em evidência como se deu a chegada do cristianismo e todo o processo para sua aceitação por parte dos chefes, incluindo suas histórias genealógicas, assim como as dos bispos e dele mesmo (Ceolin, 2022, p. 41). As fontes utilizadas por Ari têm, portanto, papel fundamental para a análise da obra, sabemos que ele fez consultas a textos latinos¹⁷ se utilizando de seu estilo e estrutura, porém, mesmo com essa base ele escreveu seu livro em islandês, mostrando interesse a um público específico regional.

¹⁶ Realizada em um lugar aberto, pode ser compreendida como uma espécie de Assembleia Geral instaurada em 930, que acontecia a 50 km a leste da atual Reykjavík.

¹⁷ De Santo Edmundo, há indícios também da história da igreja de Adão de Bremen e a obra do Venerável Beda.

O que chama a atenção imediatamente nos detalhes conhecidos da vida de Ari é o quão próximo ele está relacionado com muitos dos principais atores de seu livro. Isto é particularmente evidente na seção sobre a conversão e a Igreja Primitiva, na qual Ari é declaradamente dependente do relatório do seu pai adotivo e tutor, Teitr. A sua relação mais importante é com a família Haukdælir, que forneceu à Islândia os seus dois primeiros bispos, Ísleifr e Gizurr, doou a propriedade da família em Skálaholt para ser a primeira sé episcopal e influenciou a escolha dos bispos subsequentes até meados do século XII (Grønlie, 2006, p. 36) (Tradução própria para o português)

Nesse âmbito, ao lermos a *Íslendingabók* o que mais nos atrai o olhar são suas menções às pessoas que seriam suas fontes¹⁸, sendo principalmente orais, especificando nomes e qualidades individuais – sábio, verdadeiro, confiável, memória confiável etc. – evidenciando sua tentativa de expor sua obra não como subjetiva, mas como verdadeira e imparcial. Entretanto, mesmo com a intenção de Ari, observamos traços simbólicos que demonstram intenções claras.

Apesar de seu texto ser baseado em relatos orais, faz parte de um corpo literário com estilo bem definido, com ausência de certos elementos que compõem um texto relacionados a oralidade, como assonância ou aliteração (Hermann, 2005, p.78), fazendo com que a tradição oral fosse trazida sob novas perspectivas, ou seja, apresentadas de outras formas quando analisadas, revelando que a seleção dos elementos descritos na crônica por parte do autor podem ser encaradas como narrativas construídas do passado, interessantes para seu contexto e dos seus relatores, integrando a história da ilha à cristandade.

Cristianização e o discurso no Livro dos Islandeses

Quando nos propomos a escrever sobre a cristianização da Islândia do século X, assim como o exercício de compreender a formação cristã da identidade islandesa analisando as narrativas, devemos considerar duas questões importantes, primeiro, que os textos foram produzidos em um momento posterior à conversão, no caso da *Íslendingabók* aproximadamente cento e trinta anos, em que o olhar de Ari é o de um autor que narra as

¹⁸ Aqui, três pessoas citadas na crônica valem ser destacadas, Hallr Þórarinnsson, como já mencionado, que tinha oitenta anos quando Ari foi morar com ele, Ari elogia sua memória e fala que ele lembra do seu batismo, Þuríðr Snorradóttir, filha de um dos chefes importantes na aceitação do cristianismo e Teitr Ísleifsson, também mencionado, seu tutor e filho do primeiro bispo da Islândia, Ísleifr (Ceolin, 2022, p. 42)

histórias a partir de uma realidade cristã e, portanto, já sob os parâmetros discursivos e simbólicos da cristandade islandesa, segundo, a relação da ilha com a Noruega, que fica entrelaçada no jogo de influência de reis noruegueses e um esforço de estabelecer ou aumentar sua influência. Sobre o século X, muitas sagas vão relatar sobre uma pressão do rei Olaf Tryggvason¹⁹ para tornar a Islândia cristã, sentindo-se até mesmo furioso ao ponto de tomar medidas violentas por não conseguir isso de forma abrupta em um primeiro momento (Byock, 2001, p. 298).

O rei Olaf, filho de Tryggvi, filho de Olaf, filho de Haraldr *inn hárfagri* [cabelo belo], trouxe o cristianismo para a Noruega e a Islândia. Ele enviou um padre para a Islândia, de nome Pangbrandr, que familiarizou as pessoas com o cristianismo e batizou todos que aceitaram a fé. E Hallr Þorsteinsson, de Síða, fez-se batizar imediatamente, assim como Hjalti Skeggjason de Þjórsdalr, Gizurr *inn hvíti* [o branco], filho de Teitr de Mosfell, filho de Ketilbjörn, e muitos outros chefes. No entanto, também houve muitos que se manifestaram contra e recusaram. E depois de estar aqui há um ou dois anos, ele foi embora – ele matou dois ou três homens aqui, que insultaram seus ritos. E quando foi para o leste, contou ao rei Olaf tudo o que lhe acontecera aqui, dizendo que ficou com a impressão de que não era de se esperar que o cristianismo ainda se instalasse aqui. (*Íslendingabók* traduzida para o inglês por Sian Grønlie, 2006, p. 57-58) (Tradução própria para o português)

É relatado nessas narrativas que o missionário Pangbrandr retorna sem sucesso da ilha para a Noruega, recebido pelo rei que ordena que quem vivesse por lá fosse morto, evidenciando o anseio em cristianizar a região e estabelecer controle até mesmo por meio da força, é provável que no século XII a conversão fosse vista como dever do rei²⁰, tendo em vista a quantidade de noruegueses que lá residiam e não estavam sob domínio do monarca. Pode-se considerar coerente que o cristianismo pode ter funcionado como ferramenta importante de expansão de poder, no sentido de que a própria *Íslendingabók*, com suas características voltadas

¹⁹ Durante seu reinado, entre os anos 995 e 1000, Olaf teve um papel importante na consolidação do Cristianismo na Noruega e Islândia, tendo pulso forte. Logo no início de seu reinado, Byock afirma que ele enviou um homem chamado Stefnir Þorgilsson para converter as pessoas, que utilizou de violência e destruição, sendo banido da ilha.

²⁰ Podemos compreender que o discurso cristão também é construído com influência exterior a Islândia, com interesse político norueguês e textos produzidos no exterior que provavelmente serviram de base para Ari. É possível que o cronista tivesse acesso a *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*, de Adão de Bremen e obras de São Beda (Allport, 2024, p. 127). Observamos a formação cristã islandesa a partir de narrativas internas, mas podemos lê-las como resposta local a essas influências externas.

a uma elite islandesa, com referências ligadas a história da região como um outro lugar, representou um documento de construção de pertencimento e, evidentemente, de poder no século XII²¹ (Coroban, 2017, p.131).

A história da conversão na *Íslendingabók* traz algumas controvérsias e omissões²², permitindo a análise desse momento tão relevante para os islandeses do período e para a compreensão da formação de uma identidade cristã. O relato sobre os acontecimentos simultâneos a decisão no *Alþing* é o ápice da crônica e acontece no capítulo de número sete, o mais longo da obra. Nesse capítulo, todo o processo até a decisão e divulgação da lei mostra uma construção da memória, deixando de lado o registro dos fatos e trazendo à tona o objetivo da produção do texto. A abordagem discursiva nesse momento permite observar como o texto organiza significados de pertencimento e unidade, naturalizando o processo em um movimento que Eni Orlandi chama de funcionamento ideológico da linguagem. Sob o olhar do analista do discurso, os detalhes “esquecidos” ou contraditórios são movimentos discursivos que reproduzem um sentido, dando coerência a uma ideia.

Como observado, sendo o momento com registros mais detalhados da crônica, o autor passa um desejo de construir uma história bem estruturada da nova fé na ilha, há uma preocupação em encaixar a importância dos homens que aceitaram conscientemente a transformação em prol da paz, evitando conflitos internos e externos em nome do coletivo, construindo um discurso de pertencimento e organização provenientes da própria ilha. Nessa perspectiva, sob análise, podemos identificar que esse momento da narrativa pode expressar mais do que é relatado sobre a mudança de fé. A seleção de Ari sobre o que contar e como contar parece se distanciar de uma versão verdadeira da história e se aproximar da criação de uma identidade cristã islandesa.

²¹ Importante mencionar que a *Íslendingabók* possui uma narrativa voltada para a história da Islândia, mas não há, ou são poucas, contestações dos feitos da realeza norueguesa, Ari, pelo contrário, aprova a política e reconhece que as leis da ilha vieram da Noruega. Acredita-se que essa reverência dê legitimidade a adoção do Cristianismo na Islândia. É relatado na crônica que a cristianização ocorre quando o rei Óláfr caiu, uma forma simbólica de demonstrar que sua missão foi feita com sucesso.

²² O texto parece relatar a aceitação de muitos chefes de forma pacífica, com o *lawspeaker* pagão Þorgeirr meditando para tomar a melhor decisão para o futuro dos que viviam na ilha, porém, no mesmo capítulo há relatos de violência, com islandeses morrendo por insultar Þangbrandr. Há uma provável tentativa, talvez sem êxito, de Ari deslocar esses episódios para o lugar de exceção. Além disso, chefes regionais importantes mencionados como Hallr Þorsteinsson, Hjalti Skeggjason, Gizurr o branco “e muitos outros”, por mais influentes que fossem, não representavam todas as pessoas e suas crenças.

Porgeirr deveria falar, embora ainda fosse pagão na época. E, mais tarde, quando todos já haviam retornado aos seus alojamentos, Porgeirr deitou-se, estendeu seu manto sobre si e permaneceu em repouso durante todo aquele dia e a noite seguinte, sem pronunciar uma única palavra. Na manhã seguinte, levantou-se e enviou uma mensagem para que as pessoas fossem à Pedra da Lei. E, quando todos se reuniram ali, começou seu discurso, dizendo que considerava que a situação do povo chegaria a um estado lamentável, caso não passassem todos a ter a mesma lei na ilha. Procurou convencê-los de várias formas a não permitir que isso acontecesse, afirmando que tal divisão geraria tamanha discórdia que certamente levaria a conflitos entre as pessoas, pelos quais a terra seria devastada (...) e ele concluiu seu discurso de tal maneira que ambos os lados concordaram que todos deveriam ter a mesma lei, aquela que ele decidiu proclamar. Então foi estabelecido nas leis que todo o povo deveria ser cristão, e que aqueles neste país que ainda não haviam sido batizados deveriam receber o batismo (*Íslendingabók* traduzida para o inglês por Sian Grønlie, 2006, p. 59) (Tradução própria para o português)

Os fragmentos na crônica que marcam o estabelecimento da lei de que as pessoas na Islândia deveriam ser cristãs são dotados de significados. É informado que as pessoas não cristãs rejeitam as tentativas de cristianização, enfurecendo o rei norueguês. Dois homens islandeses, Gizurr e Hjalti ficam encarregados de tentarem executar o plano de Olaf Tryggvason e expõem os anseios do rei, assim como sua fúria, na *Alþing*. É relatado sobre a tensão entre os que tinham aceitado a nova fé e os que não aceitaram, Ari escreve que o chefe cristão Hallr Þorsteinsson, quem iria anunciar o futuro da ilha instrui que Þorgeirr Þorkelsson, não cristão, o fizesse²³. Ele então descansa em um ato de reflexão e no dia seguinte solicita a presença de todos, onde proclama que todas as pessoas deveriam ser cristãs²⁴.

Martina Ceolin (2022) afirma que esse é um episódio místico, em que os próprios islandeses aparecem como protagonistas na decisão mais importante da ilha, mesmo com a importante influência do rei norueguês. O que torna essa narrativa ainda mais significativa é que a decisão foi tomada por um homem não cristão em um ato de pensamento coletivo,

²³ Trazendo uma ideia de continuidade, uma virada simbólica das antigas tradições e leis, que legitima o novo. Uma ruptura que apresentada como harmoniosa.

²⁴ Importante traçarmos um paralelo com outras fontes como a *Kristni Saga* e a *Brennu-Njáls Saga*, em que no mesmo momento do relato da *Alþing* do ano 1000 aparecem com discursos de certa medida divergentes, onde Þorgeirr teria sido pago por Hallr, talvez em um ato de suborno, para anunciar de forma positiva para os cristãos, mudando de forma significativa o sentido da análise, mas demonstrando, provavelmente, o movimento de Ari de construção discursiva da história, tendo em vista sua relação direta com Hallr e não queria o comprometer.

encarado pelos cristãos como sábio, nos possibilitando pensar que no contexto descrito por Ari as pessoas que não eram cristãs já possuíam uma consciência do que seria bom para onde viviam²⁵.

Os ensinamentos cristãos eram intrínsecos ao trabalho de Ari, entretanto, é possível observar que interesses normativos seculares que baseiam sua narrativa, que provavelmente mostra seu anseio em contar como se dava a organização política e social da ilha. É notável que o cronista não se aprofunda nas crenças antigas das pessoas, mas aponta uma ameaça de conflito social mais do que religiosa, mostrando que a união entre os islandeses no âmbito político e das leis são características marcantes sob o olhar da análise no discurso na *Íslendingabók*.

Ainda, outros dois elementos são passíveis de serem mencionados nessa análise sobre o relato da cristianização, a ausência de informações sobre a igreja de forma universal e a língua em que a crônica foi escrita, islandês antigo e não latim, língua oficial da igreja e que são escritos a maioria dos textos. Essas questões apontam que Ari escreve sobre uma igreja secular, vinculada a Islândia, além do mais, ele atribui as entidades religiosas e suas fontes qualidades não relacionadas a sua fé, mas sociais²⁶. Esses elementos nos contam o quão a fé estava ligada a questões seculares²⁷ (Vésteinsson, 2000, p.167).

A seletividade perceptiva de Ari em conectar a conversão a alguns nomes de chefes, portanto, além de ser resultado de manter uma precisão e ser conciso, pode ser compreendido pelo interesse em dar relevância a algumas famílias, incluindo a dele e a dos primeiros bispos. Grønlie (2006) afirma que o cronista pode ter tido acesso a mais informações sobre a conversão e os assentamentos do que colocou em sua obra, pois ao compararmos com os relatos da *Kristni Saga* e *Landnámabók* observamos que alguns pontos são deixados de lado, enquanto Ari menciona somente o bispo Friðrekr, a *Kristni Saga*, por exemplo, oferece uma versão mais completa de missões cristãs antes da conversão. Podemos encarar essas questões como parte

²⁵ Outro ponto interessante de omissão do autor da crônica é sobre não mencionar que o rei Olaf tinha homens islandeses na Noruega e ameaçou os matar caso não se convertessem, Ari não cita que eram filhos de chefes importantes, como na *Kristni Saga*.

²⁶ Ele elogia Gizzur por seu poder de persuasão e popularidade, mas não menciona sua piedade (Grønlie, 2006, p. xxii).

²⁷ Somente no final do século XII e início do XIII que houve a tentativa de separar o poder eclesiástico do secular.

do discurso de Ari para formar uma separação entre missões de estrangeiros e islandeses na ilha, dando ênfase na importância dos papéis de Gizzur²⁸ para a cristianização e seu filho Ísleifr como primeiro bispo, marcando sua produção como uma história regional islandesa, mas também de família²⁹(Wood, 2001, p. 92) e eclesiástica.

É retratado na crônica que a nova fé é proclamada lei e Ari menciona bispos, chefes e legisladores como homens que trabalharam juntos, salientando suas forças, desejos de manter uma ordem social por meio de leis e serem homens sábios, não enfatizando conflitos. O cronista cria um texto sobre o início de um sistema político em que estava inserido e que admirava, uma história que diminui conflitos externos e internos e favorece um mito de origem identitário e cultural interessante para as pessoas que estabeleceram maior atuação política e social na ilha.

Ao selecionar e construir, assim, o caminho sobre como o Cristianismo entrou na ilha, Ari influencia fontes e histórias posteriores, o que torna o Livro dos Islandeses ainda mais instigante de ser investigado e explorado por métodos que possibilitam compreender o propósito do que foi dito e do que não foi dito. A construção de uma narrativa que reflete valores e interesses do contexto cristão, assim como a reelaboração do passado no horizonte político islandês do século XII e o discurso atravessado por representações nas histórias, inseridas também em um contexto de oralidade, assumem um papel de objeto simbólico na preservação da memória e cultura de uma sociedade. O autor, com a motivação de narrar a história dos islandeses, dos primeiros que se estabeleceram em assentamentos até os primeiros bispos, possui uma posição dotada de poder, consistindo em criar uma identidade para aquelas pessoas como um grupo social pertencentes a uma região, ao mesmo tempo em que se preocupa com a legitimação dessa posição como portador e difusor desse conhecimento³⁰.

²⁸ Gizzur, o Branco, como é conhecido, foi um dos chefes islandeses mais marcantes no processo de cristianização da Islândia. Ele era aliado ao rei Olaf Tryggvason e foi porta-voz do cristianismo, defendendo a adoção da nova fé (Sigurðsson, 1999).

²⁹ Fornecendo argumentos para o entendimento e legitimação de como as famílias mais importantes da Islândia conquistaram suas influências.

³⁰ Vale ressaltar que fazemos aqui uma análise da crônica, observando o discurso e o contexto de sua produção e de seu autor, não cabe uma aplicação literal dos relatos do documento, nem mesmo a sugestão de uma consciência teórica de Ari, mas a utilização do método como ferramenta interpretativa para pensar mediações simbólicas.

Considerações finais

As considerações propostas através deste artigo evidenciam que a obra *Íslendingabók* não pode ser percebida como um escrito factual da história da Islândia medieval, pois é uma crônica atravessada por escolhas discursivas que formaram uma identidade, um imaginário coletivo dotado de disputas simbólicas. A análise de sua narrativa, portanto, vai além do que nos é contado, ela permite observarmos como os interesses de seu autor e suas fontes, a memória e a oralidade foram estruturadas em um discurso que expressa pertencimento e sobretudo, crença e influência. Essa ótica problematizadora nos instiga a observar o texto como produto de um contexto e de uma cultura em movimento, em que a memória – passado – foi selecionada com cuidados discursivos específicos.

Utilizamos dos recursos e contribuições metodológicas da Análise de Discurso, integrada às discussões a respeito da oralidade, possibilitando demonstrar que a pesquisa das fontes medievais islandesas expande a compreensão dos sentidos produzidos a partir dos eventos relatados. A ênfase dada em certos nomes e genealogias, a valorização de concepções cristãs e a neutralidade de alguns elementos nos mostram como a linguagem pode se tornar um campo de construção de legitimidade. Portanto, a crônica aparece como prática que reflete e produz imaginários coletivos.

A *Íslendingabók* se confirma como relevante objeto de estudo para a produção historiográfica da Escandinávia medieval, seus relatos e ambientes históricos ampliam o horizonte para a investigação e pesquisas nos campos cultural, social e político. Ao analisarmos seu discurso e estrutura com lentes metodológicas adequadas, aumentamos as possibilidades de leitura, reconhecendo a complexidade que compõe sua narrativa. A obra de Ari Þorgilsson é percebida como fonte favorável de estudo sobre como a identidade e o poder estão presentes na história através do discurso e memória.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias:

ARI Þorgilsson. *Íslendingabók*. Século XII. Tradução em inglês disponível em Wikisource.

Acesso em: 13 abr. 2025. Disponível em:

<https://en.wikisource.org/wiki/%C3%8Dslendingab%C3%B3k>.

Fontes secundárias:

- ALLPORT, Ben. *The sources, dating, and composition of Íslendingabók*. Gripla, Reykjavík, v. 35, p. 123-159, 2024.
- ALÓS, Anselmo. *ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 15, p. 389-394, 2012.
- BYOCK, Jesse. *Viking Age Iceland*. Penguin Books, 2001.
- CEOLIN, Martina. *The malleability of the past: Íslendingabók as narrative history*. In: CROCKER, Christopher; GEERAERT, Dustin (ed.). *Cultural legacies of Old Norse literature: new perspectives*. Cambridge: D. S. Brewer, 2022. p. 37-57.
- COSTA, Débora; NAEDZOLD, Simone. *Análise de discurso: reflexões introdutórias*. Anais do I Simpósio Internacional de Ensino de Língua Literatura e Interculturalidade (I Sielli), Cáceres, MT, 9 a 13 nov. 2020.
- COROBAN, Costel. "Memory, Genealogy and Power in Íslendingabók". *Diversité et Identité Culturelle en Europe (DICE)*, vol. 14, no. 2, 2017, pp. 129-144.
- GRØNLIE, Sian. *Íslendingabók – Kristni Saga: The Book of the Icelanders – The Story of the Conversion*. Viking Society for Northern Research, University College London. 2006.
- HERMANN, Pernille. *Spatial and temporal perspectives in Íslendingabók: historiography and social structures*. 2005.
- LANGER, Johnni. *Sagas islandesas: entre a literatura e a história*. In: ZIERER, Adriana; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (orgs.). *Literatura e história antiga e medieval: diálogos interdisciplinares*. São Luís: EdUFMA, 2010. p. 149-162.
- LÖNNROTH, Lars. *The transformation of literary genres in Iceland from orality to literacy*. 12th International Saga Conference, Bonn, 2003.
- MALM, Mats. *A maçã de Minerva: sobre visão poética, interpretação e imagens na poética nórdica*. Estocolmo. 1996.
- MIRANDA, Pablo; RACY, Ana. "Nem o Fogo nem o Aço: considerações sobre os embates entre Berserkir e clérigos na conversão da Islândia". *Revista Plêthos*, v. 2, 2012, p. 80-91.
- MOOSBURGER, Théo. *Saga de Njáll. Tradução do islandês antigo, introdução, estudo e notas*. 1. ed. São Paulo: Dialética, 2021. v. 1. 380p.

- OLIVEIRA, André. A. *Islândia da Era Viking*. In: LANGER, Johnni. (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. 1ed.São Paulo: Hedra, 2017, v. 1, p. 430-432.
- OLIVEIRA, André. A. *Althing*. In: LANGER, Johnni. (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. 1ed.São Paulo: Hedra, 2017, v. 1, p. 35-36.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.
- SAWYER, Birgit e SAWYER, Peter. *Medieval Scandinavia: from conversion to reformation circa 800-1500*. London: University of Minnesota Press, 2006.
- SIGURÐSSON, Gísli. *Orality and literacy in the sagas of Icelanders*. In: MCTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Malden, MA; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2007. p. 285-301.
- SIGURÐSSON, Gísli. *The medieval Icelandic Saga and oral tradition: a discourse on method*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- SIGURÐSSON, Jón V. *Chieftains and Power in the Icelandic Commonwealth*. Odense: Odense University Press, 1999.
- WOOD, Ian N. *The missionary life: saints and the evangelisation of Europe, 400-1050*. Harlow: Longman, 2001.
- VÉSTEINSSON, Orri. *The Christianization of Iceland: Priests, Power and Social Change 1000-1300*. Oxford. 2000.